

CORPOS POLIFÔNICOS: EXPLORAÇÃO SEXUAL EM BREVES - MARAJÓ

Sônia Maria Pereira do Amaral

Mestranda do programa do Mestrado em comunicação, linguagem e cultura - UNAMA

RESUMO: Na Amazônia Marajoara de 2010, o discurso político desenha sua própria cartografia. A falta de políticas públicas em especial para a infância e a juventude e para o desenvolvimento sustentável da região, somada ao declínio da exploração madeireira e a de grupos econômicos que se perpetuam no poder, deixam as famílias mais pobres sem expectativa de futuro. O artigo *Corpos Polifônicos: exploração sexual em Breves - Marajó* teve como objetivo analisar o que significa a prostituição de meninas, na cidade de Breves e como esta situação traduz a realidade do município. Utilizamos a Análise do Discurso como referencial teórico. Os procedimentos para a produção do presente texto foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo - entrevistas, com representantes da sociedade brevesense: vereador, trabalhadores noturno da orla da cidade onde a prostituição torna-se visível e as próprias prostitutas. Os resultados nos levaram a interpretar que os discursos em circulação são polifônicos, cada um com o seu regime de verdade; entretanto, para que a sociedade possa valorar tal situação, faz-se necessário investigar as condições em que vive esta população.

PALAVRAS-CHAVE: discursos, prostituição, relações de poder.

Introdução

Na Amazônia Marajoara de 2010, o discurso político desenha sua própria cartografia. A falta de políticas públicas que efetivem ou que pelo menos abram uma discussão sobre o desenvolvimento sustentável na região, somada ao declínio da exploração madeireira e à exploração de grupos econômicos que se perpetuam no poder, deixam as famílias mais pobres sem expectativa de futuro, embalam uma geração de jovens sem formação profissional e sem perspectiva de inclusão no restrito mercado de trabalho local.

O que significa a exploração sexual de meninas, na cidade de Breves e como esta situação traduz a realidade do município? Para isso, foram entrevistadas diferentes representantes da sociedade brevesense: vereadores, trabalhadores e as próprias meninas. A partir das análises destes depoimentos, chegamos àquilo que Bakhtin denomina de polifonia.

Analisar esses discursos é uma maneira de compreender como a sociedade se posiciona diante de situações que se materializam na desigualdade social, o que não deixa de estar também materializado nas relações de poder que vive uma sociedade, o que certamente não é um tema inédito, mas discutido no decorrer dos séculos

O século XIX nos prometera que no dia em que os problemas econômicos se resolvessem todos os efeitos de poder suplementar excessivo estariam resolvidos. O século XX descobriu o contrário: podem-se resolver todos os problemas econômicos que se quiser, os excessos de poder permanecem. (FOUCAULT in MOTTA 2010, p. 225)

Pretendo analisar no presente artigo, que discursos o Estado, pessoas da comunidade e as próprias mulheres envolvidas com a exploração sexual põem em circulação em relação à prostituição infanto-juvenil no município de Breves. As análises serão fundamentadas em algumas categorias da análise do discurso: as definições de dialogismo e polifonia formuladas por Bakhtin e discutidos por Beth Brait (2005 e 2008) e das formulações sobre a disciplinarização do corpo propostas por Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (2009) e *Microfísica do Poder* (1979).

A metodologia de análise consiste na Análise do Discurso, considerando que:

Todo discurso se constitui a partir de um conjunto de muitas vozes e muitos discursos diferentes, podendo ser expresso através da fala, da escrita, dos gestos, das imagens, das músicas, etc. Todo discurso (de resistência, machista, sobre a prostituição...) se constitui através de muitos outros discursos proferidos anteriormente - é, portanto, heterogêneo, ele traz nele mesmo, outros discursos e outras vozes diferentes, que dialogam entre si. (CRUVINEL, 2006)

Os procedimentos metodológicos utilizados para as condições de produção do presente texto foram à pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo tendo como sujeitos interpretes prostitutas, comunitários e um legislador municipal, entrevistados.

O artigo divide-se em quatro partes: a primeira apresenta o discurso do Estado, a segunda, dos comunitários que vivenciam essa realidade no cotidiano, na terceira, as próprias prostitutas materializam seus discursos e na última parte apresento as considerações finais desta pesquisa.

I Prostituição em Breves: o corpo como materialidade do discurso

O corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (FOUCAULT 2009, p.132)

A prostituição infanto-juvenil no município de Breves há décadas vem sendo um problema social que atinge um grande número de famílias, acentuando-se nas que vivem nos bairros periféricos da cidade e nas que se encontram às margens dos rios deste município. Compreender como essa sociedade se posiciona diante de tal situação que se materializa na desigualdade social é um grande desafio que se pretende analisar por meio dos discursos que circulam nessa sociedade, dessa forma trabalharei considerando o dialogismo

– pois “é pelo diálogo que as personagens se comunicam entre si, com o outro, se abrem para ele, revelam suas personalidades, suas opiniões e ideais, mostram-se sujeitos de sua visão de mundo” (Brait 2005, p. 196) a polifonia que “se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (idem, p. 194) e as relações de poder que existem e que materializam os discursos circulados.

Buscando reconhecer o discurso colocado em circulação pelo Estado em relação à prostituição, entrevistei um legislador do município que diz que essa é uma situação conhecida na Câmara Municipal e assim afirma:

É um problema para além do poder público, é social. O motivo que leva as meninas a se prostituírem é a falência da instituição familiar, a desestrutura que vivem as famílias. Está havendo uma inversão de valores, muitas famílias estão querendo que a sociedade eduquem seus filhos, não há mais a responsabilidade que se via no passado; as famílias não se reúnem como outrora para ir as igrejas, hoje essa relação está distante entre pais e filhos. A prostituição não é uma questão econômica, é um vício e essas meninas viciam-se no sexo, nas drogas, principalmente as que fazem “ponto” na orla da cidade, essas são viciadas em drogas, após cada programa, correm na chamada boca de fumo para deixar o dinheiro que arrecadaram e comprar mais drogas. A prostituição está banalizada no município, muitos até classificam as prostitutas por categorias: garotas de programas - aquelas que vêm de diversas classes sociais e que fazem seus programas às escondidas e poucos as conhecem; as prostitutas - que ficam nos prostíbulos e as putas - que são aquelas que vivem na marginalidade fazem pontos na orla e esquinas da cidade.

Ao analisar esse discurso, é perceptível a contradição encontrada em alguns enunciados, inicialmente há uma afirmação de que a prostituição não tem motivos econômicos, financeiros; entretanto, diz que os eventos que têm na cidade, principalmente o carnaval onde há vendas de abadás, as meninas “correm” para fazer programas e comprar o que o mercado está oferecendo e que muita gente se beneficia da prostituição, ou seja, se a prática não fosse rentável, quem iria explorá-la? E se as meninas tivessem condições financeiras, utilizar-se-iam de tal prática? O mesmo discurso reconhece a exploração sexual como crime e mostra a preocupação do Legislativo com a causa quando diz:

Com o crime de pedofilia, houve uma baixa na prostituição das menores de 15 anos, pois antes o lema era: “quanto mais nova, melhor”. A Câmara Municipal preocupa-se com a temática e dentro da função que lhe compete aloca recursos no Plano Plurianual – PPA que é para quatro anos; na Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO e na Lei Orçamentária Anual – LOA que é o recurso usado anualmente. A intenção é que a partir desses orçamentos a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social – SEMTRAS desenvolva políticas

públicas, além disso, sensibiliza outras autoridades e a comunidade com as sessões públicas que realiza.

Esse é o discurso colocado em circulação pela representação do Estado, ou seja, é a verdade produzida, determinada pela posição social que ocupa essa pessoa que participa do discurso. Para Foucault 1979, p. 12 “A verdade não existe fora do poder ou sem poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros.

I - O discurso dos vendedores informais que trabalham a noite na orla da cidade de Breves

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações. (BAKHTIN, in CRUVINEL, 2006, p. 145)

Trabalhar no noturno é conhecer as nuances de uma cidade que não dorme e que apresenta-se de forma assustadora aqueles que saem de suas casas em busca de garantir o seu sustento. Entrevistei dois vendedores que trabalham na orla da cidade a fim de conhecer os discursos circulados por eles em relação à prostituição, tendo em vista que esses cidadãos presenciam e conhecem tal fato, dessa forma pode-se considerar que a compreensão do enunciado de outrem traz significações em relação ao tempo e lugar de sua produção, assim eles enunciam:

Essas molecas estão aqui todos os dias, querem dinheiro para comprar drogas, são meninas dos 12 anos de idade em diante, até mulheres adultas, mas são as meninas que passam a maior parte da noite ou a noite toda na rua, fazem em média seis programas e voltam sempre do mesmo jeito, com as mesmas roupas, a gente vê elas desesperadas atrás de dinheiro e depois completamente drogadas. (vendedor A, 40 anos, 9 trabalha na orla da cidade)

Além de se prostituírem elas roubam os homens que ficam com elas, quando não conseguem outros homens, elas atacam os viajantes que ficam ancorados nos portos, por isso de vez em quando aparecem feridas, elas apanham muito quando são fi agradas. Por muitas vezes quando os viajantes estão em suas embarcações são surpreendidos por elas que quando estão drogadas entram nos barcos e se são descobertas falam sempre a mesma coisa: “cadê o moreno, o baixinho?”. (vendedor B, 53 anos, 5 trabalha na orla)

Muitas dessas meninas “não tem precisão de se prostituir, tem pai que trabalha, vestem boas roupas”; a questão mesmo está no vício das drogas dona! (vendedor A)

Isso é comum na cidade, desde cedo as meninas caem na vida e vão ficando, tem umas que já tão velha ai na vida. (vendedor B)

É interessante analisar como as meninas são vistas, tratadas marginalmente como “molecas”, como se não fossem seres humanos, não tivessem sentimentos, emoções... São apresentadas como culpadas num discurso que desconsidera os meios que levaram a esse fim, principalmente se considerarmos Foucault (2009), que traz a noção de docilidade que une ao corpo analisável o corpo manipulável. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

No momento em que conversávamos com um dos vendedores, fui surpreendida por uma jovem que me abordou dizendo que tinha percebido a minha conversa com uma menina prostituta e que sabia que todas se prostituem somente para comprar drogas, mas afirmou: “não sou uma delas e já fiz um trabalho igual ao seu!”. A aparência dessa jovem era de quem estava perturbada, ansiosa, eufórica, deixando o vendedor sem ação, quando entregou a ele uma certa quantia de dinheiro e pediu que a vendesse algo - não sendo possível ouvir o pedido pelo tom da conversa. Imediatamente ele tentou afastá-la, mas ela insistiu e ele imediatamente tirou um pequeno pacote da gaveta da sua banca de

bombom e a entregou tentando camuflá-lo. Após receber o objeto a menina correu em direção à embarcação de onde tinha saído.

Minha análise parte da afirmação de que “o sujeito se constitui na e através da interação e reproduz na sua fala e na sua prática o seu contexto imediato e social”. (Bakhtin 1992, p. 35) Ficou evidente nesta ação que as drogas – que exerce um grande poder sobre os corpos; são facilmente encontradas, inclusive num local que dificilmente alguém suspeitaria que lá estariam as condições de produção de uma marginalização, num contexto vivido por sujeitos que se opõem, mas que tem o poder de persuadir e manipular um ao outro, ou seja, como nos diz Foucault 1979, p. 236 “as relações de poder são, antes de tudo, produtivas”.

II - As meninas prostitutas: de onde elas falam?

Durante muito tempo se tentou fixar as mulheres à sua sexualidade. “Vocês são apenas o seu sexo”, dizia a elas há séculos... Somos sexo por natureza?...Tiremos disto as consequências e reinventemos nosso próprio tipo de existência, política, econômica, cultural... (Foucault 1979, p.234)

Ouvir os marginalizados, os excluídos nem sempre é uma prática vivenciada na nossa sociedade, aproximar-se dessas pessoas não é tão fácil, pois são arredias, acham que sempre que alguém vem até elas é para reprimi-las, puni-las; dificilmente dialogam, o que fazem na maioria das vezes é responder aos enunciados com poucas palavras, o que pode ser compreendido a partir de Cruvinel 2006, p. 208: “São inter-silêncios os momentos em que o outro se faz presente, nos olhando de um ponto que jamais poderíamos nos ver. São inter-silêncios os momentos em que somos ouvidos, somos lidos, somos contestados, somos percebidos, somos tocados”.

Para dar subsídio a este trabalho, além de ouvir sujeitos que estão de fora, mas que mostraram o que vê do olhar do outro, recorri a duas jovens que estão na prostituição há aproximadamente quatro anos, uma vez que não há melhor compreensão do que a que vem do próprio sujeito que vive, olha e fala de onde vive; entretanto, seus discursos serão narrados em virtude de que as meninas pouco falam e precisei seqüenciar seus discursos. “O esforço do diálogo do estudioso com o texto é, então, de se aproximar, compreender as forças vivas de que surge e em que atua, de vivenciá-las, para depois, examinar o texto de fora, com a visão de um todo”. (Brait 2008, p. 129)

Alfa* tem 16 anos, é estudante de escola pública, está cursando a 3ª série do ensino fundamental, veio de outro município para estudar na cidade de Breves, tem pai e mãe, entretanto, segundo ela, a família não sabe o que ela faz ao sair às noites. Alega que o motivo de estar nas ruas e de se prostituir é por causa de dinheiro, por isso diz que não sai quando tem dinheiro, mas que vem às ruas quase todas as noites, “só quando preciso de dinheiro”. Mesmo tendo bastante tempo nesta vida, afirma ter medo das ruas, além da polícia que as procura para mandar de volta pra casa, sofre violência física dos marginais que lhes atacam, batem e tomam o que conseguiram arrecadar, valores que vão de R\$ 10,00, chegando algumas vezes a R\$100,00 na noite.

Beta** aos 17 anos de idade, segundo ela, “está na vida” desde os 13 anos, iniciou na prostituição após a separação de seus pais, ficou com o pai, mas passa maior parte da vida na rua, muito embora tenha uma filha de 1 (um) ano e nove meses que fica na casa da sua tia. Estudou até a 2ª série do ensino fundamental. Diz que o que a trás às ruas é por gosto, gosta de estar na rua e fazer programa, o dinheiro vem depois. Assume não ter medo de nada e de ninguém e se alguém se atreve a lhe importunar: “meto a faca neles”.

Essa certamente não é uma análise fácil de fazer, mas que para tal, devo considerar que o ser humano embora seja único, não vive só e encontra-se imerso em uma sociedade produtora de sentidos e de relações de poder que se não se assentam somente na repressão:

Se o poder fosse somente repressivo, e se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acreditaria que seria obedecido? “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. (Foucault 1979, p.8)

O que pode ser analisado diante dos discursos apresentados é que de uma maneira ou de outra, a

prostituição apresenta-se como uma forma de poder, de resistência a desigualdade social tão presente neste tempo-espço; é uma maneira de reação, de tensão do eu ao outro; produz a sobrevivência, induz ao prazer do querer viver “bem”, mesmo que isso cause uma tensão social, o que para Bakhtin in Brait 2008, p. 111: “não é algo negativo nem algo a ser superado. Ao contrário, ela é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do outro, daquele que não se identifica comigo, daquele que me escapa e a quem minha palavra se dirige”.

Uma característica percebida nas jovens entrevistadas - coincidente ou não, é que têm nas mãos minúsculas tatuagens, roupas tão pequenas que pouco lhes cobre o corpo e nenhuma preocupação com a vaidade. Trazem no olhar a simplicidade de uma adolescente que pede proteção, mesmo que insistam em dizer que com seus 16 e 17 anos, sabem o que estão fazendo.

III - Considerações finais

Nesta análise retomo os objetivos propostos neste artigo e constato que os discursos que circulam em relação à exploração sexual infanto-juvenil no município de Breves são polifônicos, cada qual recebendo de seu narrador a sua visão de mundo; em alguns pontos convergem - dentre eles, os que reconhecem a sua existência, indicando como causa a desestrutura familiar, o vício ao sexo, as drogas. O que nos chama a atenção é que nenhum dos sujeitos entrevistados ampliou essa discussão para o campo das desigualdades sociais, para o papel do estado na garantia de vida com dignidade, nem tão pouco esses discursos reconhecem que o corpo está preso a poderes, sofrendo limitações, proibições e obrigações.

Assim como acontece em Breves, em muitos lugares do Brasil, antes de falarem em prostituição generalizada, é preciso conhecer as razões que a fizeram chegar a tal situação, é necessário primeiro investigar as condições em que a população vive. Nesse sentido Foucault 1979, p.14 nos faz compreender que: “O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992
 BRAIT, Beth (Org.). **BAKHTIN: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
 _____ . **BAKHTIN: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.
 CRUVINEL, Mônica. **(Entre) vidas: um navegar entre as margens**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.
 FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
 FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
 MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Michel Foucault: estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.